

Educação profissional técnica de nível médio em enfermagem: Perfil sócio econômico dos professores de Ribeirão Preto- SP/ Professional education in nursing: Socio-economic profile of teachers in Ribeirão Preto/ SP.

Autores: Raquel Cequalini Frozoni; Maria Conceição Bernardo de Mello e Souza.

Introdução

Os primeiros cursos profissionalizantes na área da enfermagem surgiram em 1934, em Belo Horizonte- MG, com a intenção de suprir a falta de assistência aos pacientes internados em hospitais. O preparo de uma enfermeira era muito caro e demorado, então a solução ideal encontrada foram os cursos de auxiliar de enfermagem que preparavam pessoas em larga escala para prestar assistência direta ao paciente, por meio de cursos mais rápidos e mais baratos (CARVALHO, 1976).

Na década de 60 surge outra categoria na profissão, a dos técnicos de enfermagem. Existia ainda uma quarta categoria na enfermagem, a dos atendentes. Eles executavam a parte mais simples do trabalho de enfermagem. O treinamento era feito no próprio serviço e era exigido deste funcionário um nível de escolarização correspondente ao primário (ALMEIDA & ROCHA, 1986).

No decorrer dos anos, o trabalho de enfermagem era executado pelas categorias profissionais descritas anteriormente, com formação às vezes obtida no próprio serviço de saúde. A Constituição Federal do Brasil de 1988 delegou ao SUS a responsabilidade de gerenciar a formação de sua força de trabalho (BRASIL, 1988).

Para atender às exigências presentes na Constituição e qualificar esses profissionais da enfermagem que já atuavam nos serviços de saúde, foram criados vários projetos pelo governo. Entre eles estão o Projeto Larga Escala (PLE), o Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem (PROFAE), o Programa de Formação de Profissionais de nível Médio para a Saúde (PROFAPS) e o Programa de Formação de Profissionais de Nível Técnico para a Saúde no estado de São Paulo (TECSAÚDE).

Ao longo da história da enfermagem no Brasil, tentou-se de várias maneiras aprimorar a formação dos técnicos e auxiliares de enfermagem, mas pouco foi investido na formação dos enfermeiros professores (BASSINELO, 2002).

De acordo com Ferreira Junior (2008), a formação do enfermeiro por meio do curso de bacharelado visa à formação para a atuação técnica do enfermeiro, na área hospitalar ou na atenção básica, e não se percebe uma preocupação com a docência, área que se ampliou como campo de trabalho nos últimos anos.

(1) Enfermeira. Especialista em Saúde Mental. Mestranda do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas (DEPCH) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- USP. Bolsista do Pró-ensino na saúde/ CAPES. (2) Enfermeira. Professora associada do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas (DEPCH) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- USP.

O presente trabalho é realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

Cabe destacar que se têm exigido cada vez mais um profissional preparado para atuar no mercado de trabalho e que se adapte às mudanças tecnológicas.

A Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE/ CEB) nº 04/99 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico e define no seu artigo 5º que a mesma deverá ser organizada por áreas profissionais, competências profissionais gerais e cargas horárias mínimas de cada habilitação (BRASIL, 1999).

A mesma resolução, no seu artigo 6º define competência profissional como “capacidade de articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho”.

Um ponto fundamental que pode nos ajudar a entender como está acontecendo a formação dos auxiliares e técnicos em enfermagem é conhecer o perfil dos responsáveis por essa formação, os enfermeiros- docentes, qual sua formação pedagógica, suas condições de trabalho e saber se eles têm conhecimentos técnicos e pedagógicos para que possam atuar na formação de profissionais com esse perfil proposto.

A formação docente, independente do nível educacional de atuação, apresentou-se como um problema desde o início do século XX, quando se tentou profissionalizar esta área, que ainda não fazia parte das políticas oficiais do governo (RODRIGUES & CONTERNO, 2009).

O preparo de docentes para atuar nos cursos de educação profissional foi mais crítico, visto que as políticas de formação docente privilegiavam a formação de docentes para a educação de uma maneira geral, enquanto a formação dos trabalhadores de nível médio não era vista como prioridade, pois para lecionar em cursos profissionalizantes não era necessária uma formação docente específica. E essa questão é, ainda hoje, uma problemática não resolvida, apesar de já existirem iniciativas em andamento (RODRIGUES & CONTERNO, 2009).

A formação pedagógica ainda sofre um descuido por parte das políticas públicas e dos próprios professores do ensino profissionalizante. Eles acreditam que dominam a prática com o tempo, com a experiência da sala de aula, desconsiderando sua capacidade e a necessidade de mudanças (ABREU, 2009).

Para atender as demandas criadas pela formação de auxiliares e técnicos, surgem os cursos de licenciatura na enfermagem. Em 10 de janeiro de 1969 é lançada a Portaria Ministerial nº 13, do Ministro de Educação e Cultura (MEC), publicada no Diário Oficial da União, que institui a Licenciatura em Enfermagem, com a intenção de oferecer formação pedagógica para o enfermeiro que atuaria na formação de técnicos e auxiliares de enfermagem (BRASIL, 1969).

A licenciatura entrou para a agenda, ganhou maior destaque entre os anos de 1980 e 1990, e foi atenuada pela LDB de 1996, que gerou reformas em todos os campos de formação (RODRIGUES & CONTERNO 2009).

Segundo Duarte (2001, p.54):

A Licenciatura em enfermagem objetiva tornar o enfermeiro capaz de utilizar estratégias e tecnologias apropriadas ao processo ensino/

aprendizagem de conteúdos específicos e orientar quanto aos aspectos lógicos, psicológicos, pedagógicos e filosóficos da profissão.

A resolução nº 2 de 26 de junho de 1997, que dispõe sobre a formação pedagógica do docente para o ensino de nível fundamental, médio e cursos profissionalizantes de nível médio, define no seu artigo 1º que a mesma deve ser feita através de cursos regulares de licenciatura, cursos regulares para portadores de diplomas de ensino superior e em programas especiais de formação pedagógica (BRASIL, 1997).

No contexto atual, o que se espera do professor responsável pela formação de trabalhadores (neste momento pensando em trabalhadores da área da saúde, especificamente da enfermagem) é que ele seja capaz de catalisar e promover a articulação de todos os elementos que permeiam a formação profissional, conseguindo dessa maneira promover a aprendizagem direcionada para a autonomia do sujeito. Para que o professor possa atuar dessa maneira, ele deve ter um conhecimento aprofundado, experiência e visão crítica da prática profissional do mundo do trabalho, domínio pedagógico e domínio específico do seu campo do saber (REHEM, 2005).

Porém, a realidade que se encontra em relação ao preparo e atuação dos enfermeiros docentes muitas vezes é outra. Muitas adversidades permeiam a formação de enfermeiros docentes que atuam nos cursos de ensino profissionalizante na enfermagem.

Dentre essas adversidades encontram-se a falta de preparo pedagógico dos professores, a falta de estímulo salarial, gerando desinteresse e falta de investimento na atualização profissional, além do acúmulo de vínculos empregatícios, levando a docência a uma função secundária (SANTOS, 1997).

Ao olhar a situação descrita sobre a formação de profissionais de nível médio em enfermagem, da formação de professores das escolas técnicas de maneira geral e das escolas técnicas em enfermagem especificamente, surgiram algumas questões apontadas a seguir: Quem são os profissionais docentes que atuam nos cursos profissionalizantes de enfermagem do Município de Ribeirão Preto? Qual a sua formação? Essa formação garante segurança para que o docente exerça sua profissão? Como esses aspectos interferem na formação dos auxiliares e técnicos de enfermagem?

Assim, com a intenção de conhecer melhor esses profissionais que atuam na formação de auxiliares e técnicos de enfermagem e responder a esses questionamentos é que se desenvolve este estudo.

Objetivo

Traçar o perfil sócio econômico dos professores dos cursos de educação profissional em enfermagem do município de Ribeirão Preto, SP, com a intenção de conhecer os profissionais que atuam como docentes no preparo dos trabalhadores da saúde/enfermagem.

Metodologia

Trata-se de estudo de cunho descritivo exploratório de natureza quantitativa. Está sendo realizado nas escolas técnicas de nível médio de Ribeirão Preto/ SP, que oferecem os

cursos de auxiliar e técnico de enfermagem. Após levantamento feito pela Diretoria de Educação de Ribeirão Preto, encontramos seis escolas que oferecem esses cursos. Cinco delas são escolas privadas e uma pública.

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- EERP/ USP e foi aprovado segundo Parecer nº 1429/ 2011. Das seis escolas, uma não aceitou participar da pesquisa. A coleta de dados foi iniciada em fevereiro de 2012, sendo as entrevistas realizadas com os docentes que aceitaram participar do estudo e assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Até o momento, dois docentes não aceitaram participar e contamos com um total de 14 entrevistas realizadas.

Para coleta de dados está sendo utilizado um questionário com dados socioeconômico, contendo dados sobre sexo, idade, estado civil, formação e trabalho.

Resultados

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa. Ribeirão Preto /SP- 2012.

Dado	Número	Porcentagem
Sexo		
Masculino	6	42,8%
Feminino	8	57,2%
Estado civil		
Casado	5	35,7%
Divorciado	3	21,4%
Solteiro	6	42,8%
Amasiado	0	0%
Idade		
20---29	1	7,1%
30---39	7	50%
40---49	4	28,5%
> 50	2	14,3%

Fonte: FROZONI e SOUZA, 2012.

Ao analisar os dados obtidos por meio do questionário pode-se destacar que dos 14 sujeitos, 57,2% (8) são mulheres e 42,8% (6) são homens.

De acordo com Padilha (1997), a assistência de enfermagem dos dias atuais carrega uma herança de ser uma profissão exercida por mulheres na maioria das vezes, o que gera um caráter não linear, contraditório e que influencia de forma decisiva a sua ação, necessitando ser compreendido.

Quanto à variável estado civil, o resultado apresentou-se da seguinte maneira: 6 (42,8%) dos entrevistados são solteiros, 5 (35,7%) são casados e 3 (21,4%) são divorciados.

Em relação à faixa etária, verifica-se que há uma maior concentração de docentes na faixa de 30___39 anos, totalizando sete docentes (50%). Na faixa de 40___49 anos encontram-se quatro docentes (28,5%), na faixa etária mais jovem, de 20___29 anos encontra-se apenas um docente (7,1%) e acima de 50 anos, dois docentes (14,3%).

Esses resultados demonstram a predominância de indivíduos atuando na docência entre a faixa etária de 30__49 anos e mostram-se compatíveis com os resultados obtidos em uma pesquisa realizada por Pianucci (2006) que traçou o perfil de professores dos cursos profissionalizantes de enfermagem. Neste estudo foram entrevistados um total de 30 sujeitos e os resultados encontrados demonstram que 42% dos docentes entrevistados encontram-se na faixa etária de 31 a 40 anos e 23 % encontram-se na faixa etária de 41 a 50 anos.

Tabela 2: Distribuição dos sujeitos da pesquisa segundo formação. Ribeirão Preto/ SP- 2012

Dado	Número	Porcentagem
Graduação		
Enfermagem	14	100%
Instituição		
Barão de Mauá	5	35,7%
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- EERP/ USP	7	50%
Unaerp	2	14,3%
Tempo de formado		
0 --- 5	1	7,1%
6---10	5	35,7%
11---15	4	28,5%
16---20	1	7,1%
Mais de 20	3	21,4%
Licenciatura		
Sim	4	28,5%
Não	10	71,4%
Ano de formação		
1994	1	25%
2000	2	50%
2010	1	25%
Especialização em formação docente		
Sim	8	57,2%
Tempo de formação		
0---5	7	87,5%
6---10	1	12,5%
Mestrado		
Sim	2	14,3%
Tempo de formação		
0---5	2	100%
Doutorado		
Sim	1	7,1%
Tempo de formação		
Cursando	1	7,1%

Fonte: FROZONI e SOUZA, 2012.

Em relação ao tempo de formado dos professores, conforme podemos visualizar na tabela 2: cinco docentes (35,7%) encontram na faixa de 6__10 anos de formados, quatro docentes (28,5%) na faixa de 11__15 anos de formados, três docentes (21,4) com mais de 20

anos de formados, um docente (7,1%) na faixa de 16___20 anos de formado e um docente (7,1%) na faixa de 0___5 anos de formado. Em estudo realizado por Bassinelo (2002), que traçou o perfil dos docentes de cursos profissionalizantes de enfermagem, encontramos algumas semelhanças com esse resultado. De um total de 81 indivíduos entrevistados, 56 (69%) estavam na faixa de 10___24 anos de formados.

Todos os docentes entrevistados até o momento são enfermeiros e a graduação foi cursada por 50% dos sujeitos em instituições de ensino superior públicas e os outros 50% a cursaram em instituições de ensino superior privadas.

Quanto à formação pedagógica dos sujeitos da pesquisa, quatro deles possuem licenciatura (28,5%), sendo que desse total, dois (50%) a concluíram em 2010, um (7,1%) em 2000 e um (7,1%) em 1994.

Oito docentes (57,2%) possuem especialização em formação docente. Desse total, sete docentes (87,5%) concluíram a especialização entre 0___5 anos e um docente (12,5%) já a concluiu há mais de seis anos.

Dois docentes entrevistados (14,3%) possuem mestrado e o concluíram há menos de cinco anos e um (7,1%) está cursando doutorado.

Embora todos os sujeitos tenham cursado alguma modalidade de formação pedagógica, é muito importante destacar que 13 docentes (92,8%) participaram dos programas de formação pedagógica depois de começarem a trabalhar como docentes. Somente uma das entrevistadas (7,1%) referiu ter feito a licenciatura durante a graduação e seguido a isso iniciou sua profissão docente. Esse dado também é semelhante ao encontrado na pesquisa de Pianucci (2006), já citada anteriormente. Na referida pesquisa, 63% dos sujeitos só iniciaram algum curso de formação pedagógica após ingressarem na docência.

Tabela 3: Caracterização dos sujeitos da pesquisa segundo dados relativos ao trabalho. Ribeirão Preto/ SP, 2012.

Dados	Número	Porcentagem
Tipo de vínculo empregatício		
CLT	4	28,5%
CLT e autarquia	1	7,1%
Hora/ aula	9	64,3%
Carga horária		
08 horas semanais	1	7,1%
20 horas semanais	7	50%
30 horas semanais	4	28,5%
40 horas semanais	1	7,1%
48 horas semanais	1	7,1%
Tempo de serviço nessa escola		
0---5	8	57,2%
6---10	4	28,5%
11---15	2	14,3%
Outros empregos atualmente		
Não	4	28,5%

Sim	10	71,4%
Tempo de trabalho como professor em outros locais		
0---5	9	64,3%
6---10	1	7,1%
Mais de 10 anos	2	14,3%
Não deu aula em outras escolas	2	14,3%

Fonte: FROZONI e SOUZA, 2012.

Quanto aos dados relativos ao trabalho, obtivemos os seguintes resultados:

Quanto às modalidades de contratos encontrados nas entrevistas até o momento, nove docentes (64,3%) tem um contrato por hora/ aula com a instituição, quatro docentes (28,5%) têm contrato baseado na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e um docente (7,1%) tem contrato por CLT e autarquia.

Podemos observar que a maior parte dos docentes entrevistados tem um contrato de hora aula com a escola onde trabalham. Angerami e Correia (1996) *apud* Bassinelo (2002) explicam que as transformações ocorridas no mercado de trabalho criaram uma tendência de se empregar cada vez mais uma força de trabalho que é contratada facilmente e é demitida sem custos.

Em relação à carga horária semanal, os resultados tiveram a seguinte variação: sete docentes (50%) têm uma carga horária de 20 horas semanais, o que indica uma jornada de trabalho parcial; quatro docentes (28,5%) têm uma carga horária de 30 horas semanais, que indica uma jornada completa de trabalho; um docente (7,1%) tem carga horária de 40 horas semanais, o que indica jornada integral; um docente (7,1%) tem carga horária de 48 horas semanais e um docente (7,1%) ainda apresenta uma carga horária de 8 horas semanais.

Quanto ao tempo de trabalho na escola onde os sujeitos da pesquisa foram entrevistados, surgiram os seguintes resultados: oito docentes (57,2%) trabalham na escola onde foram entrevistados em uma faixa de 0___5 anos; quatro docentes (28,5%) trabalham na escola em uma faixa de 6___10 anos e dois docentes trabalham na escola em uma faixa de 11___15 anos.

Quanto à dedicação à docência, a maioria dos sujeitos entrevistados possui outros empregos concomitantes à docência, porém alguns conseguem ter dedicação exclusiva à profissão. Dez entrevistados (71,4%) possuem outros empregos concomitantes à docência e quatro entrevistados (28,5%) têm dedicação exclusiva à docência.

Também foi investigado o tempo de trabalho dos sujeitos da pesquisa em outras escolas, com a intenção de conhecer sua experiência na docência. Nove entrevistados (64,3%) têm um tempo de trabalho em outras escolas em uma faixa de 0___5 anos; dois entrevistados atuam como docentes em outras escolas por mais de 10 anos; dois entrevistados (14,3) nunca atuaram como docentes em outras escolas e um entrevistado (7,1%) atua em outras escolas em uma faixa de 6___10 anos.

Considerações finais

Os dados desta pesquisa revelaram que, em sua maioria, o perfil dos professores dos cursos profissionalizantes de enfermagem do município de Ribeirão Preto é composto por mulheres, na faixa etária entre 30 a 39 anos, que concluíram a graduação entre 6 a 10 anos e atuam na docência há um período de 0 à 5 anos.

Apesar da maioria dos docentes entrevistados serem jovens: sete docentes (50%) na faixa entre 30 à 39 anos, ainda encontramos 4 docentes na faixa entre 40 à 49 anos (28,5%) e 2 docentes com mais de 50 anos (14,3%), o que mostra uma grande variedade na idade dos sujeitos desta pesquisa.

Além disso, podemos perceber que a maioria dos sujeitos desta pesquisa concluiu a graduação há um período de 6 a 10 anos (5- 35,7%), quatro sujeitos (28,5%) concluíram há um período de 11 a 15 anos e três sujeitos (21,4%) a concluíram há mais de 20 anos. Olhando para o tempo de formado dos professores, percebemos a importância de se atualizarem constantemente e surgem questionamentos: Essa atualização acontece? De que maneira? Como os sujeitos desta pesquisa veem a necessidade de se atualizar?

Por meio da pesquisa pudemos compreender a maneira como acontece a formação pedagógica desses docentes dos cursos profissionalizantes de enfermagem: após o início na docência e por exigência do curso.

Aliados a esse fato, estão outros agravantes: a conciliação de mais de um emprego, devido ao baixo salário como docente e à forma de contrato que a maioria dos docentes mantém com a escola: contrato por hora/ aula.

Isso tudo nos leva a compreender os problemas enfrentados pelos docentes dessa categoria, que exercem a profissão na maioria das vezes sem preparo pedagógico, sem apoio da instituição onde trabalham e muitas vezes sem condições de ter a docência no ensino médio profissionalizante de enfermagem como dedicação exclusiva.

De uma maneira geral, é possível considerar que este estudo poderá ajudar a traçar um desenho das características dos professores dos cursos profissionalizantes de enfermagem de Ribeirão Preto/SP, conhecer a sua formação geral e a formação pedagógica, as condições de trabalho. Além disso, percebemos que para que se formem trabalhadores da área da enfermagem, com o perfil proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais ainda é necessário muito investimento nos responsáveis por essa formação, os professores, para que se sintam mais estimulados para trabalhar nessa área, não a vejam apenas como um complemento do salário e invistam nessa profissão.

Referências

ABREU, G. R. Ressignificação da formação do professor de ensino técnico- profissional: por uma pratica reflexiva na reconstrução de sua identidade. Rev. Profissão Docente, UNIUBE, Uberaba, v. 9, n. 20, 2009. Disponível em <<http://www.uniube.br/propepe/mestrado/revista/vol09/9917.pdf>>, acessado em 03 Ago. 11.

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. 1ª Ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ANGERAMI, E.L.S. CORREIA, F.A. Em que consiste a enfermagem? In: Anais do I Seminário Nacional Sobre o Perfil e a Competência do Enfermeiro. Brasília, Convênio ME/ SESU/ FUB, 1987 *apud* BASSINELO, G. A. H. Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante de enfermagem na região de Piracicaba. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2002. Disponível em <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000287806>>, acessado em 01. Mar. 11.

BASSINELO, G. A. H. Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante de enfermagem na região de Piracicaba. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2002. Disponível em < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000287806>>, acessado em 01. Mar. 11.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria Ministerial nº 13, jan. 1969. In: CARVALHO, A. C. Associação Brasileira de Enfermagem. 1926- 1976: documentário. Brasília: ABEn, 1976.

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Resolução nº 2, de 26 de junho de 1997. Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de junho de 1997. Disponível em <http://www.mp.ro.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=75830&folderId=136493&name=DLFE-36759.pdf>, acessado em 30 Mar.11.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/ CEB nº 04.99. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília, 4 de dezembro de 1999.

CARVALHO, A.C. Associação Brasileira de Enfermagem 1926- 1976. Documentário. Brasília, ABEn, 1976, 514p.

DUARTE, M. J. R. S. Formação pedagógica do enfermeiro para o ensino de nível médio. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro. V. 9, n. 1, p.52- 55, jan./ abr. 2001. Disponível em < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2151691>>. Acessado em 02 Abr. 12.

FERREIRA JUNIOR, M. A. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. *Rev. Bras. de Enferm.*, Brasília. V. 61, n. 6, p. 866- 871, Nov.- dez, 2008. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a12v61n6.pdf>> acessado em 18 Mai. 2012.

PADILHA, M.I.C.S.; SOBRAL, V.R.S.; LEITE, L.M.R.; PERES, M.A.A.; ARAÚJO, A.C. Enfermeira- a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século. *Rev. Latino-am. Enfermagem*. Ribeirão Preto. V. 5, n. 4, p. 25-33. Out. 1997. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n4/v5n4a04.pdf>>, acessado em 01 Mai. 12.

PIANUCCI, A.M.G.C. O professor do ensino técnico em enfermagem, a docência e as novas tecnologias: contribuições ao seu estudo. Dissertação de mestrado. São Paulo: UNICID, 2006. Disponível em <http://www.cidadesp.edu.br/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2006/ana_pianucci.pdf>, acessado em 01 Mar. 11.

REHEM, C.M. Estudo sobre o perfil dos professores de educação técnica e contribuições para um projeto contemporâneo de formação docente no Brasil, uma perspectiva do trabalho e da educação no início do século XXI. Dissertação de mestrado. Seropédica (RJ): Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=125270>. Acessado em 02 Abr. 12

RODRIGUES, R.M.; CONTERNO, S.F.R. A formação docente para a prática educativa em enfermagem no Brasil: revisitando a história e refletindo sobre o presente. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Enfermagem**. V.1, n.1, p.90-117. Jul. 2009. Disponível em < <http://www.facec.edu.br/seer/index.php/enfermagem/article/view/68>>. Acessado em 02 Abr 12.

SANTOS, LHP. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. Dissertação de mestrado. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1997.